



AUG.: RESP.: BEN.: LOJ.: MAÇ.:
8 DE MAIO, Nº 87
RIO DE JANEIRO - BRASIL

INFORMATIVO A VITÓRIA

www.arblm8demaio.org



Ano 17

Número 161

Maior de 2017

A FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

Era o dia 18 de abril de 1648. Mais de 4 mil soldados da Companhia das Índias Ocidentais avançam para o Sul, vindos do Recife. Na passagem, eliminam um pequeno posto inimigo na Barreta (onde hoje fica Brasília Teimosa). Os poucos sobreviventes acorrem ao Arraial Novo do Bom Jesus - Quartel-General da resistência pernambucana, onde relatam o incidente.

O comando rebelde ordena a marcha na direção do inimigo. Reunido em Ibura decide: "rumo aos Outeiros Guararapes". Sem tempo sequer para jantar, cerca de 2 mil homens

combate, nutridos
improvável: bater
numericamente
decisiva. Partem,

Prodígio
bravura a 1ª
mais do que um
de nossos
duelo, em que o
Golias



BATALHA DOS GUARARAPES

preparam-se para o
pela certeza do
uma força material e
superior em batalha
lutam e vencem.

de criatividade, ousadia e
Batalha dos Guararapes é
memorável feito militar
antepassados. Neste
Davi caboclo abateu o
estrangeiro assentam-se

as raízes da Nacionalidade e do Exército brasileiros, que caminham juntos há 350 anos.

O Exército Brasileiro tem suas raízes fincadas na 1ª Batalha dos Guararapes. Transcorrido em 19 de abril de 1648, nas proximidades do Recife, esse episódio resultou na vitória do " Exército Patriota"- integrado por combatentes das três raças formadoras da nacionalidade brasileira - sobre as tropas de ocupação do invasor holandês que, há 18 anos, dominava boa parte da Região Nordeste. Em Guararapes, disse o eminente historiador Gilberto Freire, "escreveu-se a sangue o endereço do Brasil: o de ser um Brasil verdadeiramente mestiço, na raça e na cultura". Segundo o Gen Flamarion Barreto em conferência proferida durante a Semana da Pátria de 1966, "O Brasileiro nasceu nos Guararapes".

Consoante essa realidade, O Dia do Exército Brasileiro foi fixado em 19 de abril, consagrando definitivamente a Instituição como herdeira e depositária do legado da Força vitoriosa em Guararapes.

Na oportunidade em que comemoramos os 369 anos desse triunfo, cumpre enaltecer a conduta exemplar dos principais comandantes do " Exército Patriota". Pelo desassombro

na luta contra um inimigo mais numeroso e melhor equipado, pela firme liderança que arrastou os comandados à vitória e, finalmente, pelo sentimento de amor ao torrão natal, merecem aqueles valorosos chefes militares ser apontados como paradigma para todas as gerações que vêm constituindo a Força Terrestre Brasileira. São eles:

- Mestre-de-Campo

FRANCISCO BARRETO DE MENEZES

- Mestre-de-Campo JOÃO

FERNANDES VIEIRA (Comandante de terço)

- Mestre-de-Campo ANDRÉ

VIDAL DE NEGREIROS (Comandante do terço dos brancos)

- Mestre-de-Campo

HENRIQUE (Comandante do terço dos negros)

- Mestre-de-Campo

ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO
(Comandante do terço dos índios)

- Mestre-de-Campo

ANTÔNIO DIAS CARDOSO
(Mestre de Emboscadas)

Foram esses vultos da nossa História que cravaram as fundações do Exército Brasileiro no solo sagrado de Guararapes. Assim, constitui imperativo de elevado teor cívico-militar alçá-los à condição de Patriarcas da Instituição, uma vez que são os mais remotos ancestrais dos homens e das mulheres que hoje envergam o uniforme verde-oliva, sendo dignos, portanto de figurar, em galeria, ao lado dos insígnias Patronos da Força.

(Colaboração do Ir. : Marcelo Ferreira de Almeida)

Notícias da Chancelaria Aniversariantes de maio

	Evento
02	Jane Machado Carrijo (Filha do Ir. : Levi) Daniele M. de Lira (Filha do Ir. : Caetano) Maria Eduarda (filha do Ir. : Anderson)
04	Pamela (Esposa do Ir. : André Curado)
08	Loja Oito de Maio Isis Cristina S. Vaz (Esposa do Ir. : Wantuir) Arthur, filho do Ir. : Rodrigo
13	Janete M Carrijo (Esposa do Ir. : Levi)
15	Casamento de Sueli e Ir. : Josué Ir. : Lenilson
18	Casamento de Maria da Vitória e Ir. : Alcindo
21	Ir. : Alexandre Casamento de Marlene e Ir. : Souza Lima Jacqueline e Ir. : Célio
22	Ir. : Célio
23	Luiz Felipe M. Pereira (Filho do Ir. : Joaquim)
25	Ir. : Leandro
26	Joana M.C.dos Reis (Esposa do Ir. : Silas)
27	Ir. : Caetano
28	Marta M. de Souza (Filha do Ir. : Souza Lima)
31	Ana Paula F. Marotte(Enteada do Ir. : Arthur)

Momento de Sabedoria

Esopo

Esopo foi um fabulista grego, nascido na Trácia (região da Ásia Menor), no século VI a.C.. Personagem quase mítico, sabe-se que foi um escravo libertado pelo seu último senhor, o filósofo Janto (Xanto).

Considerado o maior representante do estilo literário "Fábulas", possuía o dom da palavra e a habilidade de contar histórias. As fábulas que lhe são atribuídas sugerem normas de conduta que são exemplificadas pela ação dos animais (mas também de homens, deuses e mesmo coisas inanimadas).

Esopo partia da cultura popular para compor seus escritos. Os seus animais falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons, exatamente como os homens. A intenção de Esopo, em suas fábulas, era mostrar como os seres humanos podiam agir, para bem ou para mal.

A seguir alguns exemplos:

Houve um velho cão de caça que tinha trabalhado muito durante longos anos; estava velho, cansado e doente. Mas seu dono insistia em levá-lo para caçar

Aconteceu que durante uma exaustiva caçada pelas montanhas, o velho cão conseguiu apanhar um grande veado; agarrou-o por uma das patas, mas seus dentes já velhos e estragados não conseguiram segurar o ágil animal.

Desesperado, o dono ficou furioso e começou a bater com chicote no pobre cão. O fiel animal disse-lhe tristemente:

- Senhor, tenha piedade! não bata no seu antigo servo; eu de boa vontade continuaria a servir-lhe como antes, mas estou velho e faltam-me forças. Se hoje não sou de grande utilidade, lembre-se dos bons tempos em que lhe prestei todos os serviços solicitados.

MORAL DA HISTÓRIA

Nós, ocidentais, não damos o devido valor aos nossos anciões, esquecendo que grande parte da nossa sabedoria nos foi legada por eles.

O VELHO LAVRADOR E SEUS FILHOS

Em num tempo muito distante, um velho lavrador que tinha dois filhos ficou gravemente enfermo e sentindo que iria morrer, chamou os dois até a cabeceira de sua cama e assim lhes falou:

- Meus queridos filhos, sinto que vou morrer; antes, porém, quero dizer-lhes que vou deixar-lhes toda a fortuna que possuo e que repartirão em partes iguais, é a fazenda e as terras; desejo que continuem a cultivá-las, pois nelas, cerca de uns dois pés de profundidade, há um tesouro.

Os filhos ficaram entusiasmados, acreditando que seu pai falava de alguma soma de dinheiro enterrada nas dependências da fazenda, e assim, depois da sua morte, puseram-se com todo o afã a cavar as suas terras palmo a palmo.

Extenuados de fadiga, não conseguiram encontrar o tal tesouro; mas a terra, perfeitamente cavada e removida, deu-lhes uma abundante colheita que foi a justa recompensa do seu trabalho.

MORAL DA HISTÓRIA

O trabalho cuidadoso e persistente é a verdadeira fonte de riquezas. Não existe forma milagrosa para enriquecer.

Tiradentes – Protomartir da Independência

Patrono é uma personalidade escolhida como figura exemplar, que encarna ou sintetiza as virtudes características de um segmento da sociedade, mantendo vivas as suas tradições.

Civismo, conforme se lê nos dicionários, é o patriotismo, é o espírito público, é o desprendimento em prol da Pátria.

Estudando-se nossa história, vê-se que a Inconfidência foi o primeiro movimento que reuniu um grupo de pessoas com a finalidade de criar a Pátria Brasileira, e Tiradentes, seu líder, foi o inconfidente que mais propagou a liberdade, como seus companheiros presos afirmaram, e até mesmo acusando-o; seu amor pelo país era tão grande que desdenhava dos

avisos para ser mais prudente pelo risco que sua vida corria; materialmente nada tinha a ganhar com a vitória; seu desprendimento foi total, doou-se inteiramente ao sonho da liberdade e da soberania. E por estarem concentrados em sua pessoa e em sua existência os mais puros sentimentos e ideais que devem caracterizar todos os brasileiros, ele foi declarado nosso Patrono Cívico.

PORQUE TIRADENTES É O PROTOMÁRTIR DA INDEPENDÊNCIA

Muitos brasileiros morreram lutando contra o dominador português e os invasores holandeses e franceses bem antes de Tiradentes nascer, mas não estavam lutando pela nossa independência. Quando das lutas que empreendemos pela nossa soberania, em

1822 e 1823, brasileiros morreram realmente pela nossa independência, mas Tiradentes foi o primeiro a sacrificar-se pelo ideal da Pátria, e por este motivo recebeu o glorioso reconhecimento de Protomártir da Independência, isto é, o primeiro mártir, pois “proto” significa “primeiro”. Relembremos os acontecimentos:

Em 1624 os holandeses invadiram a Bahia e de 1630 a 1654 dominaram grande parte do nordeste. A reação começou em Pernambuco, Alagoas e Paraíba, e sem auxílio de Portugal, uniram-se os brancos sob o comando de André Vidal de Negreiros, os índios com Felipe Camarão e os negros com Henrique Dias, e derrotaram os holandeses em duas grande batalhas, ambas travadas nos Morros dos Guararapes, onde se cobriram de glória. Acontece que eles lutaram e morreram, não pela independência, mas para devolver o território a Portugal, pois embora nascidos no Brasil se consideravam portugueses. Se eles se considerassem brasileiros, fácil teria sido proclamar a independência. Foram heróis, mas não pela nossa independência.

Em Minas Gerais várias foram as revoltas contra os portugueses e a mais famosa foi a de Vila Rica, hoje Ouro Preto, em 1720, na qual foi enforcado, e consta que esquartejado, Felipe dos Santos. Ocorre que todas as revoltas foram motivadas pela ganância das autoridades portuguesas, que asfixiavam os mineiros com impostos escorchantes ou injustas formas de cobrá-los, e nenhuma delas procurava a liberdade do país.

Em 1817 estourava em Pernambuco a Revolução Pernambucana, unindo Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, e sua finalidade era a independência daqueles três Estados e não a do Brasil. A repressão portuguesa enforcou e fuzilou muitos de seus chefes, verdadeiros heróis, porém não da independência do Brasil.

Quando D. Pedro I proclamou a independência, em 7 de setembro de 1822, as

tropas portuguesas que aqui estavam não a aceitaram, e na Bahia, em 1823, muito brasileiros morreram lutando contra o exército português. Estes sim, foram heróis de Independência, mas não os primeiros.

Verificamos, então que nossa história é rica em momentos que mostram que a não aceitação por parte dos brasileiros qualquer tipo de opressão, mas até a Inconfidência Mineira nenhum deles teve características nacionais, de uma nação, de uma sociedade que queria ser livre. Somente com a Inconfidência isso ocorreu e nela se elevou a figura ímpar do Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

Então, porque a Inconfidência foi o primeiro movimento político cuja finalidade era fazer do Brasil uma nação soberana, e nela foi Tiradentes o único a morrer, ele é reconhecido como o Protomártir.

TIRADENTES: ORIGEM E APARÊNCIA

Tiradentes: era brasileiro filho de pai português e mãe brasileira, batizado Joaquim José da Silva Xavier. Nasceu numa fazenda que hoje está no município de Ritópolis, próximo a São João Del Rei e à cidade de Tiradentes, pertencente a seu pai. Ficando órfão ainda criança, foi criado por um tio, que lhe ensinou a arte de dentista, donde lhe veio a alcunha de Tiradentes. Trabalhou muitos anos como mascate ao longo das

estradas, com tropa de burros, tendo ido até a Bahia; conhecia plantas medicinais e como fazer curativos; fez projetos de captação de água e construção de armazéns e outras obras no Rio de Janeiro; abriu parte da estrada que ligava Vila Rica ao Rio de Janeiro. Conhecia bastante de minérios.

Com 29 anos de idade entrou para o Regimento de Cavalaria de Minas Gerais como Alferes, correspondente a Tenente hoje. Naquele tempo não havia separação entre Exército, Polícia Militar e Polícia Civil, tudo era feito pela mesma tropa. Foi encarregado de muitas missões e viajava frequentemente ao



Rio de Janeiro, onde ficava às vezes por muito tempo. Sua tropa esteve destacada junto às estradas para perseguir e prender os bandoleiros que as infestavam.

Era inteligente, boa caligrafia, entendia bastante de latim, possuía dicionário de francês, lia livros sobre a independência americana. Tinha uma personalidade exaltada e inquieta, muita curiosidade, falava muito e era convincente. Por causa de suas atividades, suas ideias, suas pregações, chamavam-no, além de Tiradentes, também de “o corta-vento”, “gramaticão”, “o República” e “o Liberdade”, segundo o historiador Márcio Jardim. Nasceu no Sítio Fazenda do Pombal, hoje município de Ritópolis em data desconhecida do ano de 1746, sendo batizado em 12 de novembro de 1746. Foi preso no dia 10 de maio de 1789 e enforcado no dia 21 de abril de 1792, com 45 ou 46 anos.

Era solteiro, mas deixou uma filha, que morreu ainda criança.

Não há nenhum quadro, nem descrição, mostrando qual era sua aparência física, de modo que sua figura que hoje vemos como Alferes não é exatamente seu retrato e a de quando foi esquetejado os pintores e escultores representaram-no parecendo querer fazer-se semelhante a Jesus Cristo. em seu martírio: cabelos e barbas longas. Foi essa aparência que se popularizou.

Deste modo qualquer artista pode representá-lo como desejar, pois não há nenhuma descrição ou quadro a retratá-lo. Entretanto o governo federal chegou a editar um decreto, em 1966, estabelecendo como modelo para a reprodução de sua efígie a estátua existente à frente do Palácio Tiradentes, no Rio; posteriormente revogou-o.

Em que pese a liberdade artística para representar o Patrono Cívico da Nação; eu creio que devemos nos limitar a dois modelos: um deles o tradicional, como imaginado na hora de seu sacrifício, e o outro é a figura de Alferes, fardada, moço ainda forte, vivo, a

pregar nossa soberania. Prefiro esta última imagem, que exorta para a vida e à luta pelo bem da Pátria.

Se, Tiradentes foi um herói na hora da morte, maior herói foi em vida. Seu sacrifício foi a culminância trágica do sonho libertário, mas não foi seu holocausto que alçou a heroicidade, por mais sublime que tenha sido, e sim o ter sido um dos idealizadores de nossa independência, o maior articulador, o mais eficiente aliciador de adeptos, seu maior propagador, a pessoa mais visível do sonho procurado. E é assim que devemos imaginá-lo e representá-lo, para exemplo de todos os brasileiros: o Alferes garboso e resoluto, que olha para a frente, confiante no glorioso destino do Brasil! Antes de imaginá-lo morto, imaginemo-lo vivo!

(Extrato do texto de autoria do Cel Adalberto Guimarães Menezes, do Instituto Histórico e Geográfico de

Minas Gerais - Cad. nº 72 - Alferes Joaquim José da Silva Xavier)



Tiradentes foi iniciado na Maçonaria?

- a) Lauro Sodré, 16º Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil (1904/1906), declara que naquela época a Maçonaria permitia que se fizesse iniciações fora dos Templos, por um irmão com autoridade, o que era denominado de: “Iniciação por Comunicação”. E dessa forma é que em 1787, o irmão José Álvares Maciel fez a iniciação de TIRADENTES. Hoje a Constituição da Maçonaria não permite mais iniciação por Comunicação.

(Extraído do link <https://www.facebook.com/ordemdemolayemaconaria/?fref=hovercard>)

b) Segundo o Ir.: Marco Antônio de Moraes, em artigo escrito para a revista Ciência & Maçonaria “ *não existe qualquer registro e, nos sete volumes dos Autos Devassa¹ da Inconfidência Mineira, publicados pela Biblioteca*

Nacional (1936), não há qualquer referência à iniciação de Tiradentes ou sua condição de maçom”.

Citamos apenas um exemplo de cada hipótese. O certo é que não existe unanimidade para a afirmação de que Tiradentes teria sido iniciado na Maçonaria, o que não tira o mérito do seu trabalho em prol da liberdade de nossa Pátria.

Artigo do Mês

O Artigo do Mês da presente edição está voltado mais para o Mestre Maçom, o que não impede que seja lido por qualquer pessoa (mesmo não iniciada), pois tem caráter histórico e portanto, não revela nenhum segredo.

O Surgimento do Grau Três

Robson Santiago, M.:I.:

Introdução

É sabido pela maioria dos Iniciados maçônicos que na transição entre a Maçonaria Operativa e a Maçonaria Especulativa, no limiar do Sec XVIII, só existiam dois graus simbólicos – Aprendiz Maçom e Companheiro Maçom. O único Mestre maçom era o chefe da Oficina, escolhido entre os Companheiros mais qualificados.

O Objetivo deste nossos leitores dados que quando o Terceiro Grau, ser praticado determinarmos a “idade”



artigo é trazer para os comprovem onde e Mestre Maçom, passou a regularmente e assim do Grau Três.

Desenvolvimento

Quando se quer qualquer coisa na deparamos com a falta de documentação que possa comprovar a nossa tese.²

determinar a origem de Maçonaria, nos

¹ 4 Devassa: sindicância de um ato criminoso. Processo que contém as provas de um ato criminoso.

² Neste artigo seguiremos os critérios da Escola Documental. Há autores esotéricos que afirmam

terem sido vigilantes em Loja do Antigo Egito. Informação prestada, baseada em técnicas de regressão de vidas passadas.

O surgimento do Grau Três no simbolismo maçônico não foge à regra. Até a afirmação feita na introdução deste artigo (existência de apenas dois graus) pode ser contestada por qualquer Ir.: que tenha estudado com um pouco mais de profundidade este tema.

A busca da “idade” do Terceiro Grau, depende de alguns fatores que invariavelmente, submetidos a uma análise oferecem contestação. Como exemplos citamos:

1) *O significado da palavra grau?*

Se entendermos como *degraus* ou *níveis a serem atingidos*, desde a Maçonaria Operativa já existia três graus - Aprendiz, Companheiro e Mestre – uma vez que nas Lojas (oficinas) cada um deles possuíam seu nível hierárquico bem definidos. Não esquecendo que Mestre era o Chefe da Oficina.

Entretanto se consideramos o significado da palavra *grau* como sendo *nível a ser atingido através de uma cerimônia de admissão*, aí sim vamos nos situar entre a segunda e terceira década do século XVIII.

2) *A falta de documentação*

Como informamos linhas atrás é impossível dizer exatamente quando o sistema de três grau foi implantado.

Para se ter uma razoável certeza da época da implantação do Grau 3 nas Lojas maçônicas é preciso que voltemos no tempo, para rastrear documentos esparsos, que indicassem a prática do terceiro grau.

Nessa viagem, os pesquisadores chegaram ao ano de 1400, encontrando documentos que demonstram claramente que naquela época só existia um grau maçônico, o de Companheiro Maçom ou seja o maçom completamente treinado. Como justificativa citam outros documentos dessa mesma época, que dão conta que o Aprendiz era “*propriedade*” do mestre da Loja não ocupando nenhum nível hierárquico, daí a existência de apenas um grau simbólico.

Na evolução natural da sociedade e dos consequentes trabalhos maçônicos, chegamos ao ano de 1599, quando vamos encontrar atas de lojas escocesas que narram a admissão (iniciática) de Aprendiz, que recebiam o título de *Aprendiz Iniciado*.

Estas lojas funcionavam no sistema de dois graus – Aprendiz Iniciado e Companheiro.

Estudiosos analisando textos de rituais de 1696 e 1714 verificaram que os elementos básicos do Segundo Grau eram uma *Obrigação* (um juramento), uma *assinatura* e os “*Cinco pontos de fraternidade*” acompanhados por uma *Palavra*. Nossos leitores M.:M.: podem identificar semelhanças com o atual Grau Três.

Esse mesmo estudo demonstrou que o sistema de três graus foi obtido (formado) dividindo o Primeiro Grau (Aprendiz Iniciado) em dois graus (Aprendiz e Companheiro) e promovendo o Grau de Companheiro original ao Grau de Mestre Maçom.

O Reconhecimento Oficial do Terceiro Grau

O registro oficial mais antigo que se tem sobre a concessão do Grau Três a um maçom, por mais incrível que possa parecer é uma ata de uma sociedade musical que a primeira vista pode parecer ser irregular. Vejam como isso aconteceu.

Um grupo de oito cavaleiros ingleses, maçons, amantes da música e da arquitetura resolveram fundar uma sociedade, em fevereiro de 1725. Para se aquilatar a importância da

recém fundada sociedade, as primeira folhas do seu livro de atas eram adornadas pelos brasões dos cavaleiros fundadores.

O amor desses cavaleiros fundadores pela Maçonaria era tanto que no estatuto da sociedade constava que “*nenhuma pessoa seria admitida como visitante a menos que fosse maçom*” e ainda, embora o regulamento não previsse o pré-requisito de ser maçom para ser admitido na sociedade, quando o candidato não era um iniciado maçônico, o mesmo antes de ser admitido na sociedade era iniciado na Maçonaria.

Como exemplo citamos o que se passou com **Charles Cotton**, um dos fundadores da sociedade, transcrevendo um trecho do livro fonte deste artigo – O Ofício do Maçom – que na sua página de nº 85 cita “*As primeiras páginas do livro-Ata da Sociedade fornecem detalhes de vários fundadores e podemos ler que, em 22 de dezembro de 1724, “o Ilustríssimo Charles Cotton foi feito maçom pelo então Grão-Mestre, Vossa Alteza duque de Richmond, isto é, ele abriu a Loja naquele dia.”*”.

No mesmo livro de atas consta que no dia 18 de fevereiro de 1725, novamente, a loja foi constituída agora com o intuito de promover Charles Cotton e outros dois maçons a Companheiro.

Finalmente a ata da Sociedade Musical de 12 de maio de 1725 traz:

“*Dia 12 de maio de 1725 – Nossos Amados Irmãos e Diretores dessa Mui Venerável Sociedade, cujos nomes, a saber, estão abaixo transcritos:*

Ilustríssimo Irmão Charles Cotton e

Irmão Papillon Ball

Foram tornados Mestres regularmente.”

Eis portanto, o primeiro registro da concessão do Grau Três, mas se os Ir.: repararem, do ponto de vista maçônico, totalmente irregular, por não ter sido realizado em uma Loja maçônica, ao contrário do que ocorreu com a iniciação, e posteriormente, a elevação a companheiro do Ir.: Charles Cotton, quando foram constituídas Lojas maçônicas com tal finalidade.

O mais antigo registro da concessão do Grau Três em uma loja maçônica regular pertence a uma loja escocesa de nome **Dumbarton Kilwinning nº 18** fundada em 1726 que em sua Ata de fundação datada de 29 de janeiro desse mesmo ano narra que estiveram presentes ao evento além do Grão Mestre (isto é o V.:M.:), sete **M.:M.:**, seis CComp.: e três AApr.:. Para confirmar a existência de MM.:MM.: na Loja a ata seguinte de 25 de março de 1726 cita:

“*... Gabrael Porterfield que compareceu ao encontro de janeiro como Companheiro, foi admitido por unanimidade, sendo recebido como um Mestre da Fraternidade, renovando seus votos e pagando sua inscrição...”*

Conclusão

Do pouco que expomos aqui e consultas que poderão ser feitas pelos nossos leitores podemos concluir que o Grau de Mestre Maçom remonta ao Sec XVII, na Escócia, se levarmos em conta elementos essenciais do grau. Na Inglaterra e Irlanda, ao Sec XVIII.

O certo é que o sistema de três graus só ficou amplamente conhecido após a publicação do livro a Masonry Dissected, de Samuel Prichard, porém sua adoção pelas lojas foi muito lenta.